

PERFIL DO PAULISTANO EM 2007

Mudanças acentuadas em relação à década de 80

Maior cidade do país e centro de uma das maiores regiões metropolitanas do mundo, a capital de São Paulo, em janeiro de 2007, atinge 10,812 milhões de pessoas residentes e projetada, até 2010, uma taxa de crescimento anual de 0,5%, praticamente a metade daquela verificada na década de 80 (1,1%), reflexo da expressiva reversão em sua dinâmica demográfica.

Decisivo nessa reversão de tendência foi o componente migratório, que, após 80 anos de incremento e relevante contribuição para o crescimento populacional da capital, passou a registrar saldos negativos. A capital de São Paulo, que ostentava maior volume de entradas do que de saídas de migrantes, inverteu tal dinâmica populacional nas últimas duas décadas do século XX, característica que deve manter neste novo século.

As mulheres continuam a compor a maioria da população paulistana, com um contingente 9% superior ao dos homens. Isso decorre, principalmente, de sua maior sobrevivência, que leva o diferencial de volume populacional a aumentar com a idade – na faixa de 60 anos e mais, por exemplo, a população de mulheres é cerca de 48% maior que a esperada para a correspondente masculina.

A idade média do paulistano, de 31,1 anos, em 2007, é a maior registrada nos últimos 100 anos. A população ficou mais adulta e sua idade mediana está centrada em 31,3 anos.

A partir de 1980, as alterações na estrutura etária foram mais acentuadas, em decorrência não apenas da menor mortalidade, mas sobretudo da diminuição das taxas de fecundidade. Naquele ano, a mulher paulistana tinha em média 3,2 filhos, número este que hoje não ultrapassa 2,0 filhos por mulher. Assim, a proporção de pessoas com menos de 15 anos, que correspondia a 30,0% em 1980, passou a 24,2% em 2007. Já os idosos representam hoje 10,6% da população da capital, contra 6,5% naquela época. A relação de pessoas com mais de 60 anos para cada dez jovens menores de 15 anos passou de dois para quatro, nos últimos 27 anos.

Hoje, na capital, vivem 3,2 moradores por domicílio, índice este que era de 4,1 em 1980. Há cerca de 3,368 milhões de domicílios ocupados, superando os 2,062 milhões de 1980, o que representa um aumento de 63,3% neste período.

Em 2006, nasceram em média 491 crianças por dia, que representam 30% a menos do que o total registrado em 1982, quando ocorreu o maior volume de nascimentos da história paulistana (702 por dia). No decorrer de 2007, cerca de 179 mil crianças completarão seu primeiro aniversário e, em suas festinhas, os nomes mais ouvidos serão: para os meninos, Gabriel, Pedro e João e, para as meninas, Giovana, Júlia e Maria Eduarda, nomes que tiveram a preferência dos pais no ano anterior.

As mães paulistanas mais jovens, com menos de 18 anos, que representavam apenas 3,3% do total dos nascimentos em 1980, aumentaram sua participação de forma significativa, chegando, em 1998, a concentrar 7,6%. Nos últimos anos esses percentuais diminuíram e representam, hoje, 6,2% do total de nascimentos. Já as mães com mais de 35 anos de idade aumentaram sua participação, passando de 9,2%, em 1980, para 13,8% deste total atualmente.

Essa mudança de composição etária das mães indica uma elevação na idade média ao ter os filhos. De fato, a idade média atual da mãe paulistana, de 26,7 anos, é uma das mais altas do Estado e certamente sofre influência do alto nível educacional de significativa parcela desta população, uma vez que 20% das mães tinham 12 anos ou mais de estudo.

Em 2006, ocorreram, em média, 175 óbitos por dia, número equivalente ao observado no final dos anos 80, quando a população total era cerca de 15% menor. Tal similaridade nesses totais esconde importante alteração na composição etária das mortes ocorridas na capital. Neste período, verificou-se expressiva diminuição nos índices de mortalidade infantil, ocasionando redução dos óbitos de menores de um ano, que hoje representam apenas 3,6% do total de óbitos, contra 21% no início dos anos 80. Já aqueles correspondentes à população com mais de 60 anos, que concentravam 41%, naquela década, passam agora a responder por 61% das mortes na capital.

Em 2006, houve uma média de 149 casamentos legais por dia, em São Paulo, sendo sábado o dia escolhido por quatro de cada cinco paulistanos para legalizar suas uniões. A idade média ao casar é cerca de três anos maior para os homens (31,2 anos) do que para as mulheres (28,4 anos). O perfil mais freqüente para os casamentos (67,5%) é aquele em que os homens se unem a mulheres mais jovens. As uniões em que as mulheres são mais velhas que seus maridos respondem por 24,2% do total. Neste último grupo, nota-se que a diferença de idade entre os cônjuges é mais elevada que a média, situando-se em torno de seis anos, pois a idade média dessas mulheres é de 34,5 anos, enquanto a de seus maridos é de 27,9 anos.

Outra característica interessante dos casamentos entre paulistanos é a situação do estado civil anterior. A maioria deles ocorre entre solteiros: 87,7% para os homens e 91,8% para as mulheres. Entre os homens solteiros, 94,7% casaram com mulheres também solteiras e 4,8% com divorciadas, enquanto para as mulheres essas proporções foram de 90,5% e 8,8%, respectivamente.

Quando se observam os recasamentos de divorciados, é maior a presença de homens, que respondem por 11,2% do total de casamentos legais. Mulheres divorciadas que voltam a contrair núpcias representam 7,4% desse total. Tais índices podem estar refletindo comportamentos distintos entre os sexos quanto à postura diante das legalizações de suas uniões, bem como a existência de um mercado matrimonial mais favorável ao sexo masculino.